

As Flores que Falam sobre Sexualidade e Afetividade

Flowers that Talk about Sexuality and Affection

Jennefer Portela de Sales

Resumo: o presente artigo versa sobre a maneira que jovens mulheres pertencentes à faixa etária de 14 a 21 anos vivenciam sua sexualidade e constroem suas afetividades, baseado numa pesquisa de campo realizada com 07 (sete) jovens, na sede do município de Chaves Estado do Pará (Arquipélago do Marajó), no período de 10 de novembro a 07 de dezembro de 2011. Este artigo traz à luz autores que conceituam juventude, gênero e suas possibilidades de serem vivenciados, considerando as contribuições históricas e sociais para a construção dos papéis sociais e identitários. As jovens expuseram seus pensamentos a respeito das possibilidades de afetividades, diferenciando o namoro sério, do ficar e do “cismar”, notando-se a valorização da virgindade e a importância dada ao sentimento, ao amor para que haja o ato sexual.

Palavras-chave: sexualidade, afetividade, juventude, gênero.

Abstract: this paper focuses on how young women aged between 14 and 21 live their sexuality and build their affectivity. The field research was carried out with seven young women in Chaves, a town located in the Archipelago of Marajó, in the state of Pará, northern Brazil. The research lasted from November 10th to December 7th, 2011. Authors who work with the concepts of youth and gender and the possibilities of experiencing them have theoretically grounded the study. The historical and social contributions in building social and identity roles were also considered. The participants reported an affectivity continuum that goes from dating to occasional dating to being stuck on somebody. In addition, the participants value virginity and assign great importance to love for sexual intercourse to take place.

Keywords: sexuality, affectivity, youth, gender.

Jennefer Portela de Sales é Graduada em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia (UNAMA- Pará, Brasil); Especialista em Metodologia da Pesquisa Científica pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

E-mail: portelasles@gmail.com; oara_antropo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma síntese da monografia **As flores do Marajó: um estudo sobre a sexualidade feminina chaviense** (SALES, 2012) e versa sobre a vivência e o pensamento acerca da sexualidade feminina de jovens entre 14 e 21 anos. Sete alunas participaram da pesquisa, realizada na sede do Município de Chaves (Arquipélago do Marajó, Estado do Pará-Brasil), estudantes de uma escola pública, no período de 10 de novembro a 7 de dezembro de 2011.

Considerando-se que o ser jovem é dotado de potencialidades recriadoras de possibilidades de vivências, afetividades e sexualidade(s),

¹ Esta assertiva pode ser elucidada com a afirmativa de Severino “[...] a ação histórica e social, guiada por uma intencionalidade que lhe dá sentido, uma finalidade intimamente relacionada com a transformação das condições de existência da sociedade” (SEVERINO, 2007.p. 116).

² Consideramos aqui a hipótese de que “[...] muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma mais ampla que a circunscrita ao simples dado objetivo.” (GRESSLER, 2004, p.80).

e que neste contexto a mulher tem papel fundamental para a ressignificação social¹, a pesquisa visou a: perceber como ocorre/ocorria a relação da juventude feminina Chaviense com a sexualidade e qual seu pensamento a respeito da virgindade; analisar a representação do ato sexual para ela e os elementos considerados para que esse ato aconteça/acontecesse; compreender a participação da família e da escola no processo de orientação sexual.

Neste sentido, a coleta de dados em campo foi realizada no convívio escolar². Para isso, utilizou-se como método a perspectiva crítico-dialética, objetivando-se a compreensão dos relatos e maior aprofundamento na análise das falas proferidas pelas interlocutoras da pesquisa, buscando-se também consolidar o método por meio de abordagem qualitativa, posto que a mesma possibilita a percepção de significados múltiplos e do modo “como a realidade social representa o próprio dinamismo da vida individual e coletiva [...]” (SEABRA, 2001, p.33).

Assim, os sujeitos foram observados e analisados, mediante a utilização de um roteiro de perguntas, por meio do qual as entrevistadas tiveram oportunidade de engendrar os significados de suas ações e os sentidos construídos cotidianamente pelos mesmos.³

Sabe-se que o tema sexualidade é algo tido como tabu para muitas famílias em especial quando se trata de localidades situadas no meio rural, nas quais os moradores vivenciam uma realidade precária em inúmeros aspectos, a exemplo, os principais direitos garantidos por lei: moradia digna; saúde; educação de qualidade; emprego e renda, saneamento básico, acesso a bens culturais entre tantos outros ausentes na maioria dos municípios que compõem o arquipélago do Marajó. Considerando-se estes fatores e o contexto da coleta de dados, para discorrer sobre os sentidos de sexualidade construídos pelas entrevistadas se faz necessária uma revisão de literatura sobre conceituação de juventude e de gênero, percebendo este último como identidade que pode ser assumida e ressignificada, além de construção social.

³ Para preservar a identidade das interlocutoras que participaram da pesquisa, utilizou-se nomes fictícios, atribuindo a cada uma o nome de flores, fazendo menção ao título principal da monografia “As Flores do Marajó”.

1. Juventude e Gênero

Groppo define juventude como categoria social e, segundo o autor, esta se torna situação e representação socioculturais, no sentido dado por Manheim (1952). Dessa forma, o grupo em questão “é uma construção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (2000, p.8).

O conceito de juventude é uma criação da modernidade, assim como as demais faixas etárias. Segundo Groppo (idem), quando se considera divisões dentro da sociedade por idade, a relevância

⁴ É válido considerar que a construção da definição de juventude é influenciada pela relação com várias outras categorias e situações sociais diversas, desde o contexto histórico-social, étnico, religioso e de gênero, ou seja, tal período não ocorre isoladamente.

não está somente nos limites etários, mas “principalmente nas representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importantes influências nas sociedades modernas”⁴.

Além disso, o período denominado juventude não é vivido igualmente por pais e filhos, tendo em vista que este grupo tem como característica fundamental, independente do contexto histórico-social entre tantos outros aspectos, o querer modificar, o não aceitar tão facilmente o que está posto, provocando dessa forma conflitos de geração.

Observa-se, assim, a complexidade acerca da temática, posto que falar de juventude é falar de uma faixa etária que vivencia realidades distintas de acordo com outras características que as distanciam para além da faixa etária, e nesse contexto o fator gênero é, sem dúvidas, determinante e complexo. Tendo em vista que a mulher e o homem são desenvolvidos para assumir papéis distintos na sociedade, é necessário que seja ressaltada a importância da perspectiva subjetiva e inconsciente, no processo de construção de papéis sociais.

Ao analisar a perspectiva de gênero, é válido atentar para a construção de um perfil juvenil, em especial da mulher jovem, visto que tal edificação é iniciada na gestação, nos primeiros contatos com o mundo e com a primeira instituição, a família, considerando as novas conjugalidades e ressignificações construídas a esse respeito. A figura materna é crucial no processo de construção identitária, tendo em vista que, normalmente, passa mais tempo com a criança em seus primeiros meses, ou seja, esse processo de: “[...] formação da identidade de gênero feminino está integrada à relação de apego que a criança tem com a mãe e é fruto do processo de socialização [...]” (RONELLI e PIETRO, 2002 p.2)

Neste sentido, percebe-se a influência da mulher na perpetuação do comportamento masculino, relativamente às questões de afetividade e de fragilidade. Nota-se que a maneira que a mulher é edificada pode causar conflitos maiores na juventude, posto que esse período é uma fase de transformação física, psíquica, na qual ocorre o processo de sedimentação de valores e ideias.

A mulher busca novos espaços de atuação, ocupados até então pelo homem. Este ator social vai “da casa para rua, da pia para o computador” (LOURO, 1997, p. 18). Por um longo período, alimentava-se a ideia defendida de que homens e mulheres são biologicamente (sexualmente) diferentes, utilizando-se tal argumento para justificar as desigualdades de gênero construídas social e secularmente. Nesse sentido, é

[...] necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p.21).

A autora fala a respeito da conceituação de gênero e inicia um debate importante referente à utilização de determinados termos, criados a partir das representações do que é ser homem e mulher. Neste sentido, a imagem da menina/mulher fragilizada, desprotegida, é construída pela família, pela sociedade, pela mídia, pelo próprio sujeito (mulher), além de diversos outros fatores que colaboram para tal edificação.

De acordo com Goldenberg (2004), a sociedade brasileira passa por uma transição; é como um continuum entre valores, comportamentos e padrões tradicionais que, ao mesmo tempo, inovam-se com possibilidades comportamentais de valores e de

novas simbologias. Neste sentido, faz-se necessário observar as particularidades existentes nos grupos, não somente a faixa etária, pois muitos outros aspectos são determinantes para desenhar um perfil juvenil, entre estes, saber como se dá a vivência de gênero e da sexualidade pelas mulheres pertencentes à faixa etária jovem.

Várias nomenclaturas tentam definir situações, vivências e perfis. Gênero é um desses termos construídos historicamente e a cada dia surgem novas formas de defini-lo. Joan Scott levanta um debate acerca das utilizações desse termo e reflexões sobre as lutas de mulheres e feministas, sejam pertencentes a grupos populares ou acadêmicos. Nessa intenção, percebe-se que os debates universitários possibilitaram a ampliação do diálogo para discutir de que forma a feminilidade é vivenciada e como as mulheres são percebidas por si e pelos homens, assim também a participação e práticas da mulher na história, como ser político, social, emocional.

O(s) Gênero(s) podem ser assumidos de diversas formas, tendo em vista que este é traduzido como uma identidade construída e reconstruída social e individualmente, considerando-se a interferência da justiça, igreja, práticas educativas/governo e política, pois tais instituições compõem uma determinada sociedade que “fabricam” os sujeitos. A edificação da identidade de gênero atravessa tais instituições, num processo em que “produzem-se ou são engendradas” a partir das relações de gênero e de classe, de diferenças étnicas etc. (LOURO, 1997, p.25).

Depreende-se, então, que para um debate acerca da temática “gênero”, inevitavelmente devem ser considerados aspectos como: contexto histórico; família; religiosidade, classe social, raça/etnia, entre tantos outros que contribuem para a construção de uma determinada forma de vivenciar o ser homem ou ser mulher, demonstrando sua complexidade e dinâmica, no sentido de poder

ser redefinido cotidianamente pelos sujeitos que assumem tais identidades.

[...] pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o [...] nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros (LOURO, 1997, p.25).

Considerando a ideia de gênero como identidade inventada e reinventada, o sujeito é criador das formas de viver a masculinidade e a feminilidade, não estando definida para toda a vida tal escolha, pois as identidades podem ser “vestidas” e “despidas” por quem as assume. Dessa forma, para conceituar gênero e juventude é preciso analisar aspectos diversos que contribuem diretamente para (re) construir tais “categorias, assim também as diversas possibilidades de vivê-las e/ou assumi-las.

Nesse sentido, como o conceito de identidade é construído socialmente, sujeitos femininos ou masculinos podem ser homo ou heterossexuais, negros, brancos, índios, protestantes, católicos, candomblecistas, “[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre engendradas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. [...] As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27).

Considerando essas discussões teóricas, é importante definir o contexto investigado e traçar o perfil do grupo estudado, em especial por que se refere a sujeitos que vivem num contexto amazônico com especificidades regionais, como é o caso de Chaves, município que compõe o arquipélago do Marajó.

2. Mulheres Jovens que “Cismam”, Ficam e Namoram

A sociedade desenvolve mecanismos de controle social para conter o comportamento e as ações da juventude, por meio da família, da escola, religião, da mídia, observando-se que a sexualidade está diretamente relacionada a essas possibilidades de contenção. No século XXI, neste sentido, estão ocorrendo inúmeras modificações como a família nuclear, a heterossexualidade, a monogamia e tantos outros valores que, nos séculos anteriores, foram preservados e ensinados às crianças e aos jovens pelas instituições citadas.

Como a sociedade é dinâmica, as intenções e modelos de comportamento são modificados pelos protagonistas da história, os atores sociais. Desse modo, novos instrumentos (televisão, internet) e mecanismos (programas de TV como o Big Brother; redes sociais como facebook, Orkut) são criados, nos quais as vidas são expostas por meio de vídeos, fotos, comentários. A juventude está sujeita a aderir a esses modismos lançados por pessoas tidas como símbolos/referências seja na vestimenta, modo de falar ou se comportar, pois são “os principais alvos do consumo e da publicidade, num mundo em que o consumo é centro organizador da vida e da sociedade [...]” (JUSTO, 2005, p.66)

Ana Lúcia Pantoja considera importante a participação da mídia no que se refere à influência no comportamento, entretanto ressalta que a sexualidade é construída socialmente “[...] no contexto cultural, assumindo papel importante na legitimação da ordem entre os sexos e na constituição de identidades.” (2007, p.69) Nesse sentido, é confirmado o grande leque de elementos que contribuem para a edificação dos sujeitos em suas individualidades e sociabilidades.

Os roteiros sexuais espelham as múltiplas e diferentes socializações que uma pessoa experimenta em sua vida: família, tipos de escolas, acesso a distintos meios de comunicação, redes de amizade e vizinhança. Esses roteiros são especialmente relevantes na fase

em que a sexualidade se torna uma questão muito importante: na adolescência/juventude, quando se dá o início da vida sexual com parceiro, e, a seguir, na passagem à vida adulta. (HEILBORN, 2006, p.46)

As alunas entrevistadas demonstraram como o contexto histórico e sociocultural em que vivem/viviam influenciou suas práticas, pensamentos, sentimentos e experiências, e no que contribuiu para a maneira como interpretaram a sexualidade

A presente pesquisa não se restringiu a ouvir as interlocutoras, mas observá-las no *habitat* escolar e até mesmo nas ruas da cidade, trabalho facilitado pelo ambiente não ter as características de um grande centro urbano – apesar de ser a sede do município, o número de moradores não chegava a três mil habitantes. Tal análise faz referência ao trabalho do antropólogo, do pesquisador que valoriza o “olhar”, mas o olhar isolado, não poderia ser suficiente, pois não seria possível conhecer, verdadeiramente, como se dá as relações sociais, de que maneira os seres sociais se percebem vivenciando determinada realidade, daí a necessidade do “ouvir”, pois por meio dessa ferramenta é possível compreender as significações de comportamentos, escolhas, posturas, falas, maneiras de vivenciar determinada experiência. (OLIVEIRA, 1998).

Desse modo, foram feitas perguntas às “flores” marajoaras sobre relacionamentos amorosos. Em que momento de suas vidas tiveram o primeiro “encantamento” amoroso. As interlocutoras falaram sobre suas experiências amorosas, podendo-se notar que a maioria delas namorava desde os doze ou treze anos. Vale ressaltar referências a tipos de relacionamentos como “cismar”, ficar e o namorar.

A significação do termo “cismar”, comumente utilizado pela população mais jovem do município para se referir a estar interessada (o) em alguém, é como um flerte. Pode ser a troca de olhares, pode ser relacionado à paquera que, de acordo com Justo

(2005), é a troca de olhares e chega a uma conversa reservada; é a prévia do “ficar”. Mas a “cisma” pode ser correspondida ou não. Como pode ser observado na fala de Eliconia: “estou só cismando [...] cisma é não querer compromisso ao mesmo tempo não ficando, só gostando de uma pessoa [...]”

As interlocutoras expressaram existir uma escala de relacionamento; “namoro sério”; “ficar” e “cismar”. O “ficar”, de acordo com Jasmim, “é só pra se divertir; não tem compromisso]” mesma interlocutora afirma que o tempo e a frequência com que os enamorados se veem ou ficam pode determinar o tipo de relacionamento, quanto maior a frequência com que se veem maior é o compromisso.

De acordo com as interlocutoras, há o interesse momentâneo de se envolver com alguém: numa festa, alguém do grupo de jovens da igreja frequentada (após a missa ou o culto); da escola, na aula, praça ou na praia, sempre longe dos olhares dos adultos. Sabe-se que o “ficar”

Embora designe um tipo de relacionamento também presente em outras faixas etárias, consagrou-se como um relacionamento próprio dos jovens [...] seu uso pelos adolescentes, [...] designa um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com a duração de apenas algumas horas ao longo de uma noite de festa e diversão. A prática mais comum envolve beijos, abraços e carinhos [...] não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro [...] (JUSTO, 2005, p.71).

O “ficar” é uma prática comumente juvenil, despreendida de compromissos, sendo uma forma de satisfazer o desejo casual de estar com alguém, mas sem ligação sólida com o parceiro eventual. O autor discute a ideia de volatilidade impregnada nos relacionamentos, em especial ao que está sendo refletido (ficar), prática comum na sociedade atual, notando-se a valorização da ausência de laços e sendo enfatizada a perspectiva de estar livre para

obter outros relacionamentos. Entretanto, o “namoro sério de pedir pro pai”, ainda está presente, como afirmou uma das interlocutoras, precisa ter sentimento, é necessário um envolvimento mais intenso, até mesmo a frequência com que se veem os enamorados pode definir se é “fica” ou namoro, pois “[...] ficar todo dia, aí é namoro [...]”, segundo Girassol.

Nesse sentido, percebe-se que existem estágios para um relacionamento mais sério, o que implica na longevidade do mesmo e pode determinar se haverá relação sexual ou não. O namoro ocorre a partir de um “fica”, tendo em vista que tal envolvimento se apresenta como uma oportunidade para conhecer o parceiro, e pode se estreitar à medida que ambos convivem com maior frequência até se tornar um “namoro sério”, pois para que aconteça o namoro é necessário mais que a mera vontade de ficar momentaneamente com alguém, de acordo com Girassol “[...] pra que tenha o namoro é necessário ter sinceridade e respeito [...] saber ouvir”. Pode-se perceber que existem requisitos para que haja um relacionamento mais constante, mais sério, tais como o sentimento mútuo de afeto e respeito.⁵

De sete entrevistadas, uma tinha um filho de dois anos e morava com o parceiro na casa da família dele. Essa jovem engravidou aos dezesseis anos e antes de o filho nascer, o casal se “amigou”, ou seja, “[...] quando o casal passa a “morar junto”, sem a formalização da união através do casamento civil e/ou religioso, o que não significa, no entanto, que não se considerem “casados” [...]”. (PANTOJA, 2007, p. 64). Segundo a interlocutora, ela e o namorado se conheceram através de um “fica”, depois passaram a “namorar firme” e então ela engravidou. Desde então, eles decidiram morar

⁵ Este fator está relacionado à fidelidade e é determinante nos relacionamentos dos dias atuais, pois a mulher não se silencia com o ato de “trair” do parceiro, ao contrário de algumas décadas que o silêncio era comum entre as mulheres, tendo em vista que dependiam financeiramente do marido.

⁶ Em geral, está relacionado a concluir o ensino médio. Em Chaves, poucos jovens ingressam ou manifestam interesse em ingressar na graduação.

juntos. Ela conciliava o filho, a vida a dois e a escola, pois objetivava concluir os estudos⁶.

A mulher deseja participar ativamente do relacionamento. Quando uma das interlocutoras fala “saber ouvir”, percebe-se o interesse em ser valorizada, não só ouvir, mas ser ouvida, ter igualdade de direitos e poder de voz no relacionamento. De acordo com Pantoja (2007, p.65), um “[...] relacionamento mais sério [...] remete também à ideia de compromisso de um em relação ao outro, o que implica a exigência de fidelidade de ambas as partes”, de exclusividade e entrega. O sentimento é abalado quando ocorre uma traição, como pode ser percebido na fala de Margarida: “Não, não quero mais, já tive a experiência, o último que tive me dei muito mal [...] ele ficava com outras meninas [...] me machucou muito”.

As relações são reguladas em acordos, um deles é a fidelidade; ao se quebrar uma regra, ocorre o esfacelamento do relacionamento, tendo em vista que o sentimento foi abalado, a confiança foi posta à prova, pois do namoro se espera dedicação mútua e exclusividade. O fato é que a juventude vivencia um dilema que a acompanha e sugere uma grande dúvida:

Por um lado, há uma busca de liberdade, prazer, felicidade e, por outro, dilemas, freios e contradições insuperáveis. É bom “ficar”, mas a falta de uma perspectiva de futuro produz uma sensação de desamparo e insegurança; é bom namorar e casar, mas a vida fica muito limitada e pesada pelos compromissos assumidos, encargos domésticos e dificuldades na convivência diária – o preço a pagar pela segurança e pela confiança (JUSTO, 2005, p.74).

A sociedade desenvolve novas possibilidades de manifestar sentimentos, desejos, emoções. A cada momento histórico, as maneiras de ver o outro e de desejar e viver esse desejo são modificadas pelo próprio sujeito, tendo em vista que as relações são

reformuladas, surgindo novas conjugalidades, outras possibilidades de expressar a afetividade –, nomenclaturas que tentam explicar o que se sente ou se vive, enquanto as ciências humanas e sociais buscam compreender essas invenções inerentes aos seres humanos, em especial na faixa etária que o presente estudo se detém. Nesse contexto discursivo, a sociedade tem vivenciado um período de inversão de valores, no qual a efemeridade é valorizada e o desprendimento do que parece seguro é previsível.

O “ficar”, portanto, inscreve-se nesse paradigma da contemporaneidade que privilegia a compressão do tempo, a expansão das fronteiras geográficas, econômicas, políticas e psicossociais, o nomadismo, o desamparo, o desprendimento, o isolamento, o individualismo, o hedonismo, o narcisismo, o desapego, o jogo, o acaso e tantas outras condições produtoras de uma subjetividade oscilante e intermitente (JUSTO, 2005, p77).

Nesse sentido, a pesquisa buscou analisar os critérios utilizados para iniciação sexual, relativamente às sete jovens entrevistadas. Desse grupo, seis já haviam iniciado a vida sexual; de quatro, entre treze e dezesseis anos, duas foram violentadas por algum familiar (pai, tio, avô) com um e sete anos de idade. Observa-se a presença da violência contra a criança e o adolescente, situações naturalizadas em localidades distantes dos centros urbanos, no que se refere à prática de abuso sexual, nessas localidades ocorrem principalmente no ambiente familiar e tais situações, em sua maioria, são encobertas pelas mães e/ou responsáveis das vítimas, nos casos das interlocutoras, a situação foi denunciada pela mãe, mas os infratores não foram devidamente julgados e punidos.

A interlocutora Tulipa foi estuprada aos sete anos de idade pelo pai. O mesmo “[...] foi denunciado, ah pagaram pra ele sair e ele fugiu, foi embora não encontraram mais. Ele fugiu”. Eliconia

relatou que começou a vida sexual “[...] com um ano de idade que eu fui molestada pelo meu pai e meu tio durante uns anos, eu e a minha irmã, só que ao longo do tempo retornei aos meus doze anos”.

Além dos relatos confidenciais pelas meninas que foram violentadas, é “comum” esse tipo de história em Chaves. Outros relatos foram revelados sobre o ato sexual forçado, por vezes denunciados, mas na maioria das vezes não; em geral, as pessoas que praticam a violência ficam impunes e a família segue a vida de forma que esse evento seja “esquecido”. Entretanto, as vítimas carregam consigo o estigma e o trauma da violência, pois, quando se torna público o fato, a sociedade, os colegas de classe tendem a constranger, expor ao ridículo, discriminar seja por alguma característica física ou qualquer situação vivenciada pela vítima, conforme relato “[...] às vezes os meninos ficam me criticando por [...] que aconteceu [...].”(Tulipa)

Conforme constatado pela pesquisa, situações de abuso e violência sexual, entre outros, são vivenciadas em várias localidades Marajoaras. Em relação a isso, nota-se revolta e medo na fala de moradores da ilha, embora muitos não admitam acontecer. Geralmente culpam a adolescente por

⁷ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é dever da família, da sociedade e do Estado garantir a dignidade física e mental, garantir acessos a educação, ao lazer e direito a vida.

ter se “oferecido” ao homem – este não poderia se controlar, porque precisava provar a virilidade, ou seja, a postura de “macho” “justifica” esse tipo de prática⁷.

As duas interlocutoras que afirmaram ter sofrido abuso sexual falaram sobre sua iniciação sexual por escolha. No caso de Tulipa, foi aos 15 anos. Ela demonstrou muita fragilidade ao falar sobre o assunto: “[...] ah eu me senti mais leve, assim por que [...] não ter acontecido o que aconteceu da primeira vez [...] tenho medo assim, como o

meu pai me fez eu tenho medo, penso que os outros homens vão fazer a mesma coisa [...]”.

Em sua fala, a interlocutora declara a necessidade de autoafirmação ao dizer que decidiu sozinha, mas o medo de vivenciar novamente a violência sofrida anteriormente gerou o receio em se envolver com um homem, demonstrou não se sentir muito à vontade em praticar o sexo, se seu próprio pai, alguém que deveria garantir sua proteção de qualquer mal, foi quem a violentou. Nesse sentido, como Tulipa não teve acesso a atendimento psicológico e/ou da assistência social, a superação desse trauma foi dificultada.

As duas jovens, que sofreram trauma gerado por uma iniciação sexual sem escolha própria, demonstraram reações distintas. Tulipa busca ser igual às outras meninas de seu meio, através de comportamento, de envolvimento afetivo e até sexualmente com outros garotos, mesmo se sentindo insegura e amedrontada, para não revelar de que maneira foi o contato com o sexo. Eliconia afirmou ter voltado às atividades sexuais aos 12 anos e ter iniciado pela “[...] vontade própria e não por certos impulsos que aconteceram antes [...]”

De acordo com Rieth (2002), a iniciação sexual está relacionada à “autoexpressão”, à autonomia; é o fazer uso do corpo como quiser e demonstrar que tem domínio de si. No caso da fala de Eliconia, pode ser notada essa busca pelo domínio do próprio corpo, principalmente por sua história de vida.

As outras cinco jovens falaram sobre o primeiro contato com o ato sexual e o que isso significou para elas. Vale ressaltar que duas jovens afirmaram não ter iniciado a vida sexual, mas opinaram sobre os critérios necessários para que aconteça, enfatizando a valorização da afetividade, como algo importante para a existência de sentimento entre os parceiros. Para Orquídea, “sexo não é só pra

ter experiência, tem que ter sentimento [...] a decisão tem que ser dos dois, pra que dê certo e seja legal.”

Ao se observar a seguinte fala: “Ah a gente tava se divertindo numa festa aí eu foi ficar com ele aí aconteceu de repente, né? [...] quando eu fiz isso [...] eu tenho certeza que eu não fiz isso com ele por amor, só foi mesmo por curtição [...] por esse lado foi até bom, mas não foi por amor”. (Jasmim), demonstra uma certa dualidade em seu pensamento, pois ao mesmo tempo em que afirma ter sido bom por não ter sido só curtição, demonstrando a ideia dos relacionamentos contemporâneos fugazes e repentinos, típicos na faixa etária juvenil; expõe arrependimento em não ter sido “por amor”, tendo em vista que para ela é necessário que exista amor, confiança (Jasmim).

Margarida afirmou que já tinha seis meses de namoro quando teve sua primeira relação sexual, de acordo com ela os dois conversaram primeiro, mas “[...] depois eu me senti mal, aí eu me arrependi, e não tava no momento certo, eu acho que não era ele ainda a pessoa certa [...]” (Margarida)

Pode ser observado na fala de Jasmim que o ambiente “festa” é propício para tal prática. É interessante notar sua ênfase em afirmar não ter feito por amor, mas para se divertir, em contrapartida, afirmou ter ficado um pouco confusa “eu me senti magoada, me senti triste por a gente ter feito uma coisa assim que não foi por amor”. Para Margarida, a escolha pareceu não ter sido apropriada, ao mencionar que não era a “pessoa certa” ou ao afirmar que “tem de ser com alguém que eu goste de verdade”, as afirmativas de ambas, retomam a valorização, a idealização do namoro, do parceiro perfeito, lembrando um ideário romântico, comum entre as três falas (PANTOJA, 2007).

Orquídea e Margarida revelam romantismo, evidenciado no desejo de serem ouvidas e na crença por uma relação de reciprocidade. As repetidas aparições da palavra amor revelam

o anseio de vivenciar uma relação com laços mais profundos, observando a ideia de longevidade; na fala de Margarida a sinceridade e a seriedade entre os parceiros são fatores importantes; ambas apresentam critérios para que ocorra a relação sexual (RIETH, 2002).

Para Rosa, a primeira experiência não foi muito agradável, de acordo com ela. Estavam namorando há alguns meses e então “rolou”, aos 14 anos, mas “ não foi muito agradável, até por que eu não tinha experiência de nada, né?”. Em sua fala, é possível perceber que ela atribui o fato de não ter sido “legal” à sua inexperiência “até por que dói um pouco, assim não foi muito agradável, não foi bom!”. Após pouco tempo, o relacionamento findou-se.

De modo geral, pode ser observado, entre as interlocutoras, o interesse em ter um relacionamento “de pedir pro pai”, um namoro sério, assemelhando-se às pesquisas realizadas por Pantoja (2007) demonstrando que “[...] entre as mulheres, há uma tendência em manter expectativas de que a relação possa evoluir para um namoro “firme”. (p.64)

De acordo com Justo, doutor em psicologia social, o adolescente vivencia uma tensão, um continuum entre modelos de sentimentos, afetividades e de relacionamentos antigos e novos, “gerados pelas forças psicossociais da atualidade”. O jovem e/ou adolescente se vê entre possibilidades de relacionamentos que o atraem pelo “ideário do amor romântico”, por demonstrar segurança, exclusividade de um para o outro, longevidade entre outras vantagens, “[...] por outro, também é fascinante a promessa da maior independência, autonomia, realização, diversidade e outras coisas com as quais o amor confluyente acena” (JUSTO, 2002, p.75).

Nesse sentido, constata-se a existência de possibilidades diversas para vivenciar a afetividade e a sexualidade, mas a mulher,

como sendo “dominada”, por vezes manifesta o sentimento de culpa ao perceber que fugiu do que lhe é “exigido” como comportamento aceitável; nota-se a “encucação” de comportamentos e posturas comuns para mulheres. Bourdieu (2002) afirma que a mulher age com certa alienação, ao reproduzir comportamentos e posturas que esperam ser vistas nelas (BOURDIEU, 2002).

Ao analisar mais a fundo as posturas femininas, percebe-se a existência de um sentimento de culpa ao, por exemplo, ter relação sexual com quem acabou de conhecer, ou transar com alguém que não sinta vontade de ficar eternamente, atribuindo-se tal sentimento às motivações que as envolvem. De acordo com Foucault (1998), as relações são reguladas pela sociedade, ou seja, pelas instituições que a compõem, apesar dos exemplos, mostrados pelo autor, vividos no século XVII, XVIII, período em que o cristianismo impunha normas reguladoras dos relacionamentos, os pensamentos, até mesmo o que era fantasiado.

Na contemporaneidade, há maior “liberdade” referente à prática do sexo, entretanto, há um continuum entre passado e presente, o que por vezes impulsiona as pessoas, principalmente as mulheres, a se manifestar de forma contida ou não, como pode ser notado nas falas das entrevistadas, ao mesmo tempo em que há traços contemporâneos do desejo feminino romântico, conforme expresso por elas o desejo.

Quando uma das interlocutoras afirma ter tido sua primeira relação sexual com alguém que não tinha nenhum compromisso, embalada pelos impulsos da adolescência, motivada pelo cenário propício da festa e logo em seguida demonstra arrependimento, por não ter sido com o “namorado ideal”, nos remete as reflexões de Bourdieu (2002) ao discorrer sobre as maneiras que ocorrem a dominação masculina, sendo a mulher um ser “frágil”, educada para preservar o corpo posto que seu corpo é algo sagrado e que precisa ser guardado, como se a mulher só pudesse se entregar

ao seu noivo, ou na linguagem juvenil, esperar a hora e a pessoa certa, ou seja ser civilizada⁸.

⁸ “Civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem de ser interno.” (GIDDENS, 1993, p. 27).

4. Diálogos sobre Virgindade e Contracepção

Discutir sobre sexualidade não é um assunto limitado ao ato sexual propriamente dito, mas também, tendo em vista que a dimensão da sexualidade refere-se ao imaginário, a identidades, a papéis construídos e assumidos por determinado grupo em tempo histórico definido. Esse parâmetro remete ao entendimento da sexualidade como uma construção histórica e social, conforme discutido por Foucault (1988) e outros autores e autoras mencionados.

As jovens falaram a respeito da virgindade, privilegiando a valorização de tal elemento na vida da mulher. Para Orquídea: “virgindade é o ato de se guardar”, como quem espera por alguém especial; Rosa admite que “[...] casar sendo virgem é uma coisa legal, mas eu não acho que seja uma atitude apropriada”, pois “a pessoa casando virgem, ela vai ter uma experiência só com uma pessoa e se ela se separar, pra ela se relacionar com outra pessoa vai ser bem mais difícil.”, assim sendo Rosa percebe a inexperiência como um fator que contribui negativamente para vida de uma mulher, valorizando a importância de adquirir experiência para decidir-se sobre a união conjugal com outra pessoa.

Uma das jovens expressou o desejo de casar virgem, conforme sua religião (católica) exige. Para ela, é importante esperar pelo matrimônio para se “entregar” ao esposo⁹. Por meio das falas observa-se que as jovens percebem a virgindade como algo importante, sendo necessário que haja um cuidado ao decidir iniciar a vida sexual.

⁹ Essa afirmativa remete ao estudo de Foucault (1988), ao se reportar às exigências cristãs que eram mais severas em suas proibições no século XVII e XVIII e apesar de quatro séculos mais tarde, ainda existem resquícios de tal prática

Para as jovens entrevistadas a “[...] virgindade é importante, porque só se perde uma vez [...]” (Violeta). Segundo Margarida para iniciar a vida sexual é necessário “[...]ter responsabilidade.”, “saber a hora exata”, se guardar para a “pessoa certa”. Para Eliconia, toda mulher deveria casar virgem “[...] até mesmo se eu pudesse voltar ao tempo eu não perderia minha virgindade, perderia somente no meu casamento.”. Para Tulipa, “[...] pra mim no meu casamento o homem não vai me aceitar só por que eu não sô vige [...]”

De acordo com suas falas, as flores marajoaras valorizam e consideram importante o fato de ser ou não virgem, atribuindo à mulher a responsabilidade de decidir “perder” a virgindade, sendo necessário escolher alguém que a respeite, que lhe dê carinho “tudo o que uma mulher precisa” (Violeta). Também é notória a relação feita entre a virgindade e o casamento, a pessoa “certa”, a responsabilidade destinada, principalmente à mulher ao fazer sua escolha, pois “só é virgem uma vez, depois que perdeu, perdeu” (Jasmim).

De acordo com Margarida “[...] antes de perder a gente ta com a honra da gente, depois que acaba se torna uma pessoa assim, sem nada, muito diferente [...]”. Nesse sentido, observa-se que a expressão “honra” se apresenta como um conceito socialmente

¹⁰ No sentido refletido por Foucault (1988), esse termo não é considerado como força violenta explícita, mas como algo que afeta o comportamento, que regula as ações e atinge o pensamento e numa autopunição quando o ilícito, o inadequado é cometido.

aceito, construído, ou seja, o que se espera de uma jovem é que ela seja virgem, pois assim o sendo ela possui dignidade, poder¹⁰. No caso em estudo, as entrevistadas manifestam a existência de um código de conduta, que as mulheres precisam seguir, conforme afirmou Heilborn (2006, p. 45): “através do autocontrole individual os interditos são internalizados e atos que eram praticados publicamente se transformam em

comportamentos cada vez mais privados”.

Somente uma interlocutora incluiu o parceiro como também responsável pela tomada de decisão, pois “[...] a pessoa tem que ter muita responsabilidade na cabeça mesmo, não só a menina como o menino tem que ter responsabilidade” (Jasmim).

A virgindade aparece nos relatos como uma condição para ser feliz, relacionada ao casamento. De acordo com Eliconia, suas amigas falam que só pode casar de branco, véu e grinalda quem é virgem, é o sonho encantado dos contos de fadas; porque não é virgem, ela demonstra medo de não ser aceita, nem amada por nenhum homem. É importante considerar que essa interlocutora foi uma das meninas que afirmou ter sido violentada pelo pai, quando criança.

Nota-se que a escola é um cenário propício para o diálogo entre as meninas sobre suas experiências, sonhos, anseios. Dialogar sobre sexo, muitos gostam e poucos admitem gostar, sendo que quando se trata de falar de si, de suas experiências, o diálogo se torna mais inviabilizado. Nesse sentido, o presente estudo investigou, também, como no contexto escolar, se dava o debate a cerca dessa temática, como as jovens entrevistadas lidam com esse assunto, com quem dialogam abertamente.

Nesse sentido, quatro meninas afirmaram conversar com alguma amiga, prima, irmã, como relatou Margarida: “quando aconteceu eu contei para uma prima minha, só para ela, depois de um tempo eu contei pra vovó [...]”. Segundo ela, sua avó queria ter sido a primeira a saber, mas como as falas revelam, a juventude se sente mais à vontade para dialogar sobre temas como sexo e sexualidade com pessoas de sua faixa etária, como pode ser notado na fala de Orquídea: “converso com minhas primas, meus pais não tem o pensamento aberto.” Já Eliconia afirmou: “[...] converso com alguns amigos muito próximos e com o meu parceiro, namorado e com a minha irmã, por que ela é a única que puxa assunto, ela tem 18 anos.

Percebe-se que o sexo, por ser um assunto íntimo, privado, deve ser debatido com poucos, e minimamente dialogado com os pais ou responsáveis pelas jovens. Orquídea demonstrou interesse em conversar com os pais, entretanto, não teve abertura, pois eles “não têm o pensamento aberto”, demonstrando que apesar das transformações comportamentais e nos valores vivenciados pela sociedade, muitas famílias não dialogam sobre esse tema.

Duas interlocutoras afirmaram não conversar com ninguém a respeito, pois de acordo com Margarida “ainda não teve nenhuma pessoa que pudesse chegar e conversar abertamente, não tem!”; Tulipa afirmou não conversar “nem com amiga, por que não tem ninguém confiável pra conversar sobre sexo”.

Por meio dos relatos, é possível perceber que falar sobre sexo é uma prática que não se apresenta corriqueira para duas meninas, em suas casas, ou em outros ambientes. Falar sobre essa temática é algo “proibido”, é o tipo de assunto que precisa de alguém “confiável” para debater, confidenciar, dialogar, mas apesar das restrições apresentadas na maioria das falas, duas interlocutoras afirmaram conversar com algum membro da família e amiga, como é o caso de Jasmim “[...] converso bastante com a minha mãe que ela assim, me aconselha, ela é minha amiga, eu converso bastante com ela e com minhas amigas [...]” e Rosa que afirmou conversar desde os 12 anos “[...] com os meus pais, minhas irmãs mais velhas e até com o meu namorado uns 4 ou cinco meses antes de ter relação sexual.

Em seus relatos, seis meninas se sentem ou se sentiriam envergonhadas ao falar que “perderam” a virgindade para mãe ou algum responsável (adulto), demonstraram que falar sobre esse assunto é constrangedor, confirmando a idéia de que sexo é um tema tabu, não sendo debatido no ambiente familiar, nesse sentido, é possível levantar o seguinte questionamento: quem orienta a juventude? Como está sendo aprendido, construído?

Em muitas situações, os diálogos estão relacionados aos cuidados com o corpo, muitos acreditam que conversar sobre sexualidade é esclarecer sobre métodos contraceptivos para auxiliar na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e reduzir o índice de natalidade precoce. Duas das jovens entrevistadas, que ainda não iniciaram a vida sexual, afirmaram achar importante o uso do preservativo, pois, como afirmou Orquídea (entrevista realizada em: 10/11/11), além de evitar uma “gravidez indesejada” previne a aquisição de doenças.

As sete jovens entrevistadas afirmaram ser necessário o uso de métodos contraceptivos, em especial o preservativo (masculino), até mesmo as que ainda não iniciaram a vida sexual, posto que o preservativo (camisinha) previne de doenças sexualmente transmissíveis.

De acordo com as interlocutoras, as conversas a cerca do tema, no ambiente escolar, são restritas aos conteúdos de Ciências e relacionadas à reprodução e contracepção¹¹. Todas as informantes consideraram extremamente importante o diálogo sobre sexo, em especial na escola, tendo em vista que a maioria não dialoga em casa sobre o tema; afirmaram ainda ser uma alternativa para esclarecer inúmeras dúvidas, não só sobre métodos de prevenção, como outras informações relacionadas à escolha do parceiro, entre tantos outros temas interligado à sexualidade.

¹¹ A Unidade de saúde do município desenvolveu um ciclo de palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema sexualidade ganha cada dia mais relevância, seja em debates informais ou acadêmicos, em especial pelo intenso desenvolvimento do acesso à informação através dos diversos meios de comunicação que a cada dia se tornam mais acessíveis, principalmente quando se faz referência ao espaço urbano.

Entretanto, os municípios mais distantes desses meios são carentes ou recebem de forma escassa as informações, conforme foi possível perceber na realidade chaviense.

Nesse sentido – e considerando que a comunidade e tudo o que está envolta do ser social contribui para o comportamento, ao mesmo tempo em que esse mesmo meio é transformado por este ser, num processo dinâmico de ir e vir constante –, em relação às jovens entrevistadas, é provável que a realidade estrutural, econômica, educacional, política e social de Chaves (Município que compõe o Arquipélago do Marajó-PA) tenha contribuído para os acontecimentos que circunstanciaram as experiências e vivências relatadas pelas “Flores do Marajó”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*-2ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. In ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GROPPO, Luis Antônio. **Juventude**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. *Entre as tramas da sexualidade brasileira*. Estudos Feministas, Florianópolis. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 14(1): 43-59, janeiro-abril/2006

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia* - UFF, v. 17 - nº 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis-RJ. Ed. 6ª. Editora: Vozes, 1997.

_____(org). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte-. Ed. 2ª. Editora Autêntica, 2000.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. *Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre jovens de grupos populares em Belém*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2007.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002.

RONELLI, Geraldo e PIETRO, Daniela Iglesias de Castro. Adolescentes do sexo feminino: família, grupo de pares e relações afetivas. *Paidéia*, 12(22), p. 57-68, julho de 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Revista Educação e Realidade, v. 16, n. 2, dez. 1990.